

O NIILISMO ATIVO DE ERNST JÜNGER¹

ERNST JÜNGER'S ACTIVE NIHILISM

Renata Magri Alonge Bonfim da Silva²

Resumo: Em escritos dos anos 1930, Ernst Jünger expõe um cenário de decadência da então ordem burguesa e anuncia o que seria, segundo ele, o advento de uma nova era expressa pela emergência da mobilização técnica planetária e de uma nova humanidade. O autor celebra a emergente ordem técnica considerando-a a saída de um estágio decadente da história ocidental no qual o indivíduo encontrava-se enfraquecido e privado de condições que o possibilitassem afirmar a sua essencial potencialidade. É nesse sentido que nos deparamos com o niilismo nessas considerações do autor: um niilismo de caráter ativo expresso pelo esvaziamento e esgotamento da configuração de mundo de até então, uma destruição contínua em prol da realização do que o autor denomina de o *domínio do trabalhador*, um domínio configurado pela ação incisiva de um novo tipo humano que expressa uma nova vontade, pratica uma nova liberdade e leva à ruína todas as valorações e modo de vida do indivíduo burguês. Essa tarefa realiza-se a partir de uma atitude guerreira que afirma o niilismo, o concretiza e tem o potencial de ultrapassá-lo. No presente artigo expomos essa concepção de niilismo ativo, nos atentando sobretudo aos textos *A mobilização total* e *O trabalhador – domínio e figura*.

Palavras-chave: niilismo; Ernst Jünger; técnica; mobilização total; o trabalhador.

Abstract: In writings of the 1930s Ernst Jünger exposes a scenario of decadence of the then bourgeois order and announces what, according to him, would be the advent of a new era expressed by the emergence of planetary technical mobilization and a new man. The author celebrates the emerging technical order considering it the exit from a decaying stage in Western history in which the individual was weakened and deprived of conditions that would enable him to affirm his essential potential. It is in this sense that we are faced with nihilism in these

¹ Este artigo é consequência de pesquisa realizada sobre o debate entre Ernst Jünger e Martin Heidegger acerca do niilismo. A pesquisa foi realizada enquanto pesquisa de iniciação científica na graduação em Filosofia da UNESP, a qual teve também como resultado um trabalho de conclusão de curso defendido em 2016 nesta universidade intitulado “O niilismo em Ernst Jünger”. Dada a abrangência da problemática que constitui o debate entre esses dois pensadores, outros artigos referentes a essa pesquisa ainda poderão ser submetidos à publicação. Numa breve apresentação, a pesquisa tratou do debate entre Jünger e Heidegger ocorrido nos anos 1950, mais precisamente dos dois ensaios-cartas que mais diretamente o constituem: o texto *Sobre a Linha (Über die Linie)* de Jünger, escrito em 1949 e publicado em 1950, e o texto *Sobre a questão do ser (Zur Seinsfrage)* de Heidegger, primeiramente publicado em 1955 com o título *Über 'die Linie'*. Enquanto no ensaio de Jünger a análise é marcada por um diagnóstico, uma caracterização do niilismo e pela possibilidade de sua superação, no texto de Heidegger a análise é marcada pela contraposição ao posicionamento de Jünger, pela necessidade de se discutir a respeito da essência do niilismo - que para ele é esquecimento do ser -, da sua relação com a história da metafísica ocidental e com o problema da técnica moderna e pela necessidade de superação da metafísica. A pesquisa consistiu em pensar a respeito da história, da situação e do futuro do niilismo a partir do debate entre esses dois autores. Para entender as particularidades dos posicionamentos de cada um dos filósofos foi preciso ir além dos dois ensaios mencionados realizando estudo de outros escritos seus e também de escritos de Friedrich Nietzsche, visto que este é referência para ambos os autores nesse debate. É nesse sentido que se chegou nos escritos jüngerianos dos anos 1930, nos quais encontramos sua concepção de niilismo ativo, tema do presente artigo.

² Bacharela e licenciada em Filosofia e também graduada em Educação Artística – Artes Plásticas pela UNESP. Atualmente é pós-graduanda em Artes Visuais, na linha de pesquisa História, Teoria e Crítica de Arte do Instituto de Artes da UNICAMP. E-mail: renata.alonge@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3687-9294>

considerations of the author: an active nihilism expressed by the emptying and exhaustion of the world configuration until then, a continuous destruction for the accomplishment of what the author calls the worker's domain, a domain configured by the incisive action of a new human type that expresses a new will, practices a new freedom and brings to ruin all the valuations and way of life of the bourgeois individual. This task is accomplished through a warlike attitude that affirms nihilism, materializes it and has the potential to overcome it. In the present article we expose this conception of active nihilism, paying special attention to the texts *A Total Mobilisation* and *The Worker*.

Keywords: nihilism; Ernst Jünger; technique; total mobilisation; the worker.

Introdução

Nos anos 1930, em escritos de grande relevância como *A Mobilização Total* (1930), *O Trabalhador - domínio e figura* (1932) e *Sobre a Dor* (1934), Ernst Jünger (1895-1998) apresenta, com muito otimismo, a sua análise acerca dos acontecimentos e mudanças que marcaram a passagem do século XIX para o século XX. Para o autor, o novo século iniciava-se carregado de novas possibilidades, as quais seriam a expressão de um novo sentimento vital que irrompia e que culminaria na configuração de uma nova ordem mundial e de uma nova humanidade, o que pressupunha, por sua vez, um esgotamento e destruição da ordem até então vigente.

Nesses escritos, o autor expõe então o cenário de decadência da ordem burguesa e anuncia o advento de uma nova era expressa, sobretudo, pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, pela emergência da mobilização técnica planetária e pelo advento de um novo homem, o *trabalhador*, o qual realiza uma nova configuração do mundo a partir dos novos meios - os meios técnicos - que a ele se apresentam. Nesse sentido, Jünger celebrou a emergente ordem técnica de completa planificação do mundo considerando-a a saída de um estágio decadente da história ocidental no qual o indivíduo encontrava-se enfraquecido ao estar imerso num mundo moralizado e seguro, numa cultura regida por valores racionais e abstratos, e privado de um contato com a dimensão elementar da vida e de condições que o possibilitassem afirmar a sua essencial potencialidade.

É nesta perspectiva, pois, que nos deparamos com o niilismo nas considerações de Jünger dos anos 30: um niilismo de caráter ativo, um esvaziamento e esgotamento do mundo de até então, uma destruição contínua em prol da afirmação de novas potências, do despontar de uma nova era histórica caracterizada pela realização do *domínio* do *trabalhador*, um domínio configurado pela ação incisiva de um novo tipo humano que

expressa uma nova relação com a dimensão elementar - substancial - da vida, com o perigo, a dor e a morte, que expressa uma nova vontade, pratica uma nova liberdade e que leva à ruína todas as valorações e modo de vida do indivíduo burguês.

Pôr fim ao mundo burguês, levar a cabo uma nova era histórica, eis a tarefa do *trabalhador* de Jünger. Esta tarefa realiza-se a partir de uma atitude guerreira que afirma o niilismo, o concretiza e que pode levar a humanidade para além dele. Este é o otimismo do autor expresso nestes escritos do período entre as duas grandes guerras mundiais.

Niilismo ativo, destruição da velha ordem e o advento de uma nova era planetária

Nos escritos *A Mobilização Total*, *O Trabalhador – domínio e figura* e *Sobre a Dor*, Jünger anuncia o advento de uma nova era histórica, a qual se manifesta com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Para o autor, essa guerra apresenta peculiaridades que a distingue absolutamente de todos os eventos bélicos já registrados na história devido sobretudo à mobilização técnico-humana requerida e dispendida durante todo o seu desdobramento. Além disso, há um fator que a faz ser para Jünger o sinal do despontar de um novo tempo: o fato de ela ser uma catástrofe de ampla dimensão que eclode exatamente no ápice de uma era de civilização - a civilização burguesa - tão fortemente marcada pelo ideal do progresso e da segurança, pelo avanço do conhecimento racional e moral, pelo avanço da organização social e política dos Estados-Nações.

Nesse sentido, com a eclosão da primeira grande guerra, fica explícito para Jünger o processo de declínio - niilismo - pelo qual passa a civilização moderna e todas as suas valorações, um processo que naquele momento estava apenas no início e que se aprofundaria até o esgotamento total, e que concomitantemente a ele sobrevinha o engendramento de uma nova era. Tal como afirmado pelo autor, “a guerra mundial não foi disputada apenas entre dois grupos de nações, mas também entre duas eras, e, neste sentido, há na nossa terra tanto vencedores como vencidos”³. No ponto central do confronto, da grande guerra, não estava a diferença das nações e sim a diferença de duas eras, das quais uma que surge devora uma que declina.⁴

³ JÜNGER, Ernst. *O trabalhador - domínio e figura*. Tradução e notas Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 2000, p.82. (Doravante OT).

⁴ OT, p.157.

Esta nova era que surge é a era da mobilização técnica planetária, da *mobilização total*, fenômeno tornado explícito, segundo o autor, no desenrolar do grande evento bélico que abre o século XX. Para Jünger, o fato de uma guerra profundamente catastrófica e de amplo efeito eclodir num contexto de alta civilização e progresso é a prova de que a realidade é regida por forças sobre as quais a humanidade não pode exercer controle algum. No ensaio *A Mobilização Total* Jünger afirma: “o gênio da guerra conseguiu atingir o espírito do progresso”⁵. E ainda:

Hoje, certamente, pode ser atestado com bons fundamentos: o progresso não é progresso algum [...]. Justamente a certeza com a qual certos movimentos tipicamente progressistas levam a resultados que estão em oposição à sua própria intenção é que sugere a suposição de que aqui, como em todo âmbito da vida, impõe-se menos as intenções do que os impulsos mais ocultos.⁶

É nesse sentido que Jünger afirma que a civilização burguesa, com sua crença na razão e no progresso, está fadada ao declínio. Para ele, uma civilização cujo ideal é a segurança e o conforto, os quais são continuamente buscados por meio da domesticação da natureza via objetivação científica, e uma humanidade cujo ideal é a emancipação em relação ao mundo natural, não são passíveis de sustentação, uma vez que lhes falta a relação com as forças originárias. Sendo assim, estão condenadas ao esgotamento, estão condenadas a desembocar no niilismo.⁷

Segundo Jünger, a civilização burguesa caracteriza-se pela busca da segurança e da paz. O burguês deve ser concebido como o homem que reconhece a segurança como um valor supremo e que determina a condução da sua existência de acordo com este valor. Suas aspirações e práticas voltam-se continuamente para a amenização dos conflitos - sociais, políticos, existenciais -, para a extirpação da dor, do perigo, de tudo o que o ameaça. O burguês se coloca, desde o início, entre os muros de um burgo e os de uma cidade⁸ e a sua necessidade de absoluta segurança o faz tentar impermeabilizar hermeticamente o espaço vital de tal modo que se evite que o elementar se irrompa. Desse modo, é negada à sociedade uma relação direta com a substância da vida, com as forças originárias. “Esta negação realiza-se de tal modo que remete o elementar para o

⁵ JÜNGER, Ernst. *A mobilização total*. Tradução e notas Vicente Sampaio. São Paulo: Revista Natureza Humana, v.4, n.1, 2002, p.190. (Doravante MT).

⁶ MT, p.191.

⁷ OT, p.74.

⁸ OT, p.76.

reino do erro, dos sonhos ou de uma vontade⁹ necessariamente má, de tal modo que o põe como sendo de significado igual ao próprio sem sentido”¹⁰.

Esta tentativa da civilização burguesa de impermeabilizar o espaço vital de toda adversidade se aprofunda a partir do desenvolvimento de uma ciência e moral fundadas no enaltecimento da razão humana, a qual, segundo o burguês, tem a tarefa de guiar a humanidade rumo à emancipação, à liberdade, à segurança, a um reino de paz perpétua. Todos os questionamentos dentro do espaço moderno - racionalista e iluminista -, sejam de natureza artística¹¹, científica ou política, remetem para que o conflito seja evitável.

Tal como afirma Jünger, “o poder supremo pelo qual o burguês vê esta segurança assegurada é a razão. Quanto mais perto se encontrar do seu centro tanto mais se dissolvem as escuras sombras nas quais se esconde o que é perigoso”¹². E ainda:

O estado ideal de segurança que o progresso deseja alcançar consiste no domínio mundial da razão burguesa, que não apenas deve diminuir as fontes do que é perigoso, mas, por fim, também as deve secar. O que é perigoso, no brilho da razão, se manifesta como o sem sentido e, deste modo, se perde a sua reivindicação de realidade. Trata-se, neste mundo, de ver o que é perigoso como o sem sentido, e este é superado no mesmo instante em que, no espelho da razão, aparece como erro.¹³ Nunca o burguês se sentirá impelido a procurar o destino, de livre vontade, no combate e no perigo, pois o elementar repousa além do seu círculo, é o irracional e, deste modo, o puro e simplesmente imoral. Assim, procurará sempre afastar-se dele [...]. Sob este ponto de vista, as grandes cidades aparecem, em torno da viragem do século, como os baluartes ideais da segurança. Cada vitória da técnica é aqui uma vitória do conforto. O elementar aparece aqui como o sem sentido e, deste modo, o muro divisório da ordem burguesa se apresenta, ao mesmo tempo, como o muro divisório da razão.¹⁴

No entanto, esse muro divisório dentro do qual a civilização burguesa se protege está desmoronando. Não há como escapar do perigo e da dor, da dimensão elementar da existência, das potências ocultas que determinam a vida e sobre as quais não é possível exercer nenhum controle. Acreditar ser possível controlá-las ou furtar-se delas é estar

⁹ Jünger, em vários momentos desses ensaios, utiliza o termo “vontade”, o que cabe relacionar à expressão nietzschiana “vontade de poder” (*Wille zur Macht*).

¹⁰ OT, p.55.

¹¹ Para Jünger, nem o Romantismo desprende-se dessa pretensão dado que ele consiste, segundo o autor, numa mera fuga, numa atitude reativa, e não propriamente numa destruição do mundo racionalista burguês em prol da afirmação de um outro mundo. Como afirma o autor, “o protesto romântico está condenado ao niilismo, na medida em que existia como fuga, na medida em que existia como a contradição de um mundo a afundar-se e, deste modo, numa dependência incondicional dele”. (OT, p.82).

¹² OT, p.77.

¹³ OT, p.78.

¹⁴ OT, p.76.

condenado a uma ilusão e também ser aniquilado por elas. “O perigo está sempre presente; ele procura eternamente, como um elemento, romper as barreiras com as quais a ordem se rodeia”¹⁵, “não há nenhuma situação humana que tenha um seguro contra a dor”¹⁶, “nada nos é mais certo e nada nos está mais cabalmente predestinado que a dor”¹⁷, a ameaça aumenta com cada uma das artificiosas elevações do dique que separa o ser humano das forças elementares”¹⁸.

O homem moderno, o indivíduo burguês, quase conseguiu convencer-se de que o que é perigoso não está de todo presente, de que possível era controlar a realidade e através de sua ciência extirpar o elementar do mundo humano, e de que através do uso de sua razão seria possível governar o mundo e sua história. Todavia,

é certo que o que é perigoso está sempre presente, e que triunfa mesmo sobre as mais sutis astúcias com que se ilude; de fato, entra vezes sem conta nestas astúcias para com elas se mascarar, e isso dá à civilidade o seu duplo rosto – são demasiado conhecidas as estreitas ligações existentes entre os direitos humanos e as batalhas mortíferas.¹⁹

Sendo assim, é de todo justificável o irromper da barbárie no apogeu da civilização. A eclosão da Primeira Guerra Mundial é a prova de que o elementar está de todo presente e de que a crença moderna na possibilidade de controle racional do mundo não se sustenta. Para Jünger, o rebentar da guerra mundial põe um largo e definitivo ponto final na era da civilização moderna. O que é perigoso, que apareceu sob o sinal do passado e da distância na mentalidade iluminista-cientificista do homem moderno, dominava agora a realidade. Importante era então, segundo o autor, entrever no acontecimento daquela guerra catastrófica que “um afluente novo e ainda indomado de forças elementares se apoderava de nosso mundo”²⁰, que aquela guerra consistia na manifestação de um movimento secreto que, cada vez mais, tinha de ser pressentido e demonstrado²¹.

Segundo Jünger, este era um movimento que determinava ao homem uma nova relação com o perigo e que o colocava na necessidade de configurar novas ordens,

¹⁵ OT, p.77.

¹⁶ JÜNGER, Ernst. *Sobre el dolor seguido de la Mobilización total y Fuego e movimiento*. Tradução do alemão Andrés Sánchez Pascual. Barcelona: Tusquets, 2003, p.18. Tradução nossa. (Doravante SeD).

¹⁷ SeD, p.15.

¹⁸ SeD, p.33.

¹⁹ OT, p.54.

²⁰ OT, p.83.

²¹ MT, p.192.

“ordens em que esteja incluído o extraordinário, que não estejam calculadas para a exclusão do que é perigoso, mas criadas por um novo casamento da vida com o perigo”²². E acrescenta Jünger: “quem aqui ainda acreditar que este processo se deixa domar através de ordens de velho estilo pertence à raça dos vencidos, que está condenada ao aniquilamento”²³. Era determinado ao homem, portanto, o ir ao encontro dessa imposição, trabalhar para a efetuação do declínio da velha ordem, dos velhos valores. A ele só eram dadas duas alternativas: deixar-se ser mobilizado em prol da configuração de um novo mundo ou sofrer e ser aniquilado.

Restaria esta última alternativa ao indivíduo preso aos antigos valores que se desvalorizam, ao indivíduo que permanece na impotência, que enfrenta passivamente o niilismo. Já, em contrapartida, ao novo homem restaria a atitude guerreira de enfrentar ativamente o niilismo, destruir a velha ordem e os velhos valores, permitir-se ser mobilizado e lançado para o perigo. Esta seria, portanto, a atitude do novo homem, o qual aceita despojar-se da sua individualidade, o qual se lança para a guerra, a dor e a morte com um espírito heroico. Esta é a atitude do *trabalhador* de Jünger, o novo homem que o autor ver nascer e que já se faz presente no desdobramento da Primeira Grande Guerra do século que acabava de começar na figura do “soldado anônimo”²⁴. Este é o novo homem, o homem do novo tempo, o qual empregará toda a sua energia em prol da configuração de uma nova realidade. E esta guerra, enquanto a ocasião na qual se deflagra este novo homem e a possibilidade deste novo mundo, consiste, para Jünger, num “fenômeno cujo significado é muito mais importante que o da Revolução Francesa”²⁵.

A mobilização total e o domínio do trabalhador

²² OT, p.83.

²³ OT, p.83.

²⁴ “O soldado anônimo corporaliza um dos primeiros exemplos de representantes do tipo ativo - um exemplo em que aliás também a dignidade cultural do trabalho já se expressa muito claramente. A guerra mundial, na medida em que pertence ao século XX, não apresenta uma soma de guerras nacionais. Ela deve ser antes considerada como um processo de uma obra mais abrangente, em que a nação aparece no papel de grandeza de trabalho. O esforço nacional desemboca numa nova imagem, nomeadamente na construção orgânica do mundo. [...] Chega-se assim a que o herói deste processo, o soldado anônimo, apareça como o portador de um máximo de virtudes ativas, de coragem, de prontidão e de espírito de sacrifício. A sua virtude está em ser substituível e em atrás de cada caído já estar, nas reservas, aquele que o vai render. A sua medida é a do desempenho objetivo, do desempenho sem palavreado; daí que seja, em sentido eminente, um portador da revolução *sans phrase*”. (OT, p.154).

²⁵ MT, p.195.

A Primeira Guerra Mundial apresentou-se para Jünger como um evento que separava duas eras, que anunciava uma nova humanidade e uma nova história: o *trabalhador* - o novo tipo humano – e a história da *mobilização total*, da mobilização técnica planetária. Uma guerra incomparável a todos os eventos bélicos já registrados na história dada a ampla abrangência de seus efeitos e a grande mobilização humana e técnica dispendida ao longo de todo seu desdobramento.

Ao longo do seu desenrolar-se, esta guerra apresentou peculiaridades que comprovaram para o autor o quanto o mundo passava por mudanças radicais. Em seu ensaio *A Mobilização Total*, Jünger evidenciou essas peculiaridades e mudanças, elucidando o quanto não se tratava de mudanças que diziam respeito estritamente ao âmbito bélico, ao ato de guerrear, mas também de mudanças que expressavam o espírito de um novo tempo.

Segundo Jünger, até o século XIX as guerras eram preparadas e conduzidas “pelos gabinetes conservadores, ante os quais a representação popular era indiferente ou mesmo antipática”²⁶. Também, até esse momento, as guerras eram geridas a partir de um certo cálculo estimativo de armamentos e custos que fazia com que elas acarretassem uma despesa, embora elevada, de modo algum ilimitada. Já quanto à grande guerra que eclode no início do século XX a situação é completamente outra: às massas é estendida uma grande participação no conflito e

o imenso aumento dos custos torna impossível arcar com a condução da guerra a partir de um tesouro de guerra fixo; muito antes, para manter em curso a maquinaria, é necessária a concentração de todos os créditos, até a captação do último centavo da economia.²⁷

Esta é uma guerra que mobiliza muita energia, tecnologia, maquinaria, que mobiliza multidões. Nela, por exemplo, não foi mais possível ver expressa a ideia de uma casta guerreira, uma vez que a defesa armada das nações envolvidas não era mais somente a obrigação e prerrogativa do soldado de profissão e tornava-se tarefa daqueles que eram aptos ao serviço militar²⁸. A isto acrescenta-se a intensa participação da juventude no conflito, uma juventude tão ardente, tão entusiasmada, tão desejosa de morte e que levantou o clamor pelas armas²⁹.

²⁶ MT, p.193.

²⁷ MT, p.195.

²⁸ MT, p.195.

²⁹ MT, p.207.

Nestes aspectos evidencia-se, pois, a prontidão das massas para o conflito, o movimento das massas que se configurou cada vez mais de forma uniforme e incisiva em prol da guerra e da mobilização - de homens e de meios - requerida por ela. Como observa o autor,

no início da guerra mundial, uma mobilização com essa abrangência ainda não havia sido prevista pelo entendimento humano. Ela já se insinuava, porém, em medidas isoladas; por exemplo, logo ao início da guerra, no forte engajamento de voluntários³⁰ e de reservistas [...]. Com o correr da guerra, esse processo intensificou-se; como exemplo podem ser mencionados o racionamento planejado das matérias-primas e dos gêneros alimentícios, a transformação das relações de trabalho em relações militares, o serviço civil obrigatório, a armação militar dos navios mercantes.³¹

Nos últimos anos da guerra, os países se transformaram em fábricas gigantescas que produziam exércitos em esteiras rolantes para enviá-los dia e noite aos campos de batalha, onde o consumo bélico, que se tornou igualmente mecânico, assumiu o papel de consumidor mercantil.³²

E ainda, quanto às mudanças na maneira de se praticar a guerra e quanto ao amplo alcance desse conflito catastrófico, ressalta Jünger:

A época do tiro mirado ficou para trás. O chefe de esquadrão que, altas horas da noite, dá a ordem de ataque de bombas não conhece mais diferença alguma entre combatentes e não combatentes, e a nuvem de gás letal avança sobre tudo o que é vivo. A possibilidade de tais ameaças não pressupõe uma mobilização nem parcial, nem geral, mas *total*, que se estende até a criança de berço, a qual está ameaçada como todo mundo, aliás, ainda mais fortemente.³³

Esta é uma guerra que não respeita limites, valores e a ordem de até então. Nela se expressam inovações bélicas - técnicas e táticas - que, por sua vez, revelam os princípios de uma nova época, a época das máquinas e das massas, da automatização e das armas de destruição em massa, dos grandes aglomerados urbanos, das grandes metrópoles que formam uma entrelaçada rede técnica, das paisagens industriais, da

³⁰ O próprio Jünger foi um desses jovens que se alistaram como voluntários na campanha militar da Primeira Guerra Mundial. Inclusive, pela sua atuação no conflito, o então jovem escritor recebeu a *Ordre pour le Mérite*. E vale destacar ainda que a sua experiência nesta guerra foi relatada em diários, o que se transformou em seu primeiro grande ensaio, o *Tempestades de Aço*, publicado em 1920.

³¹ MT, p.196.

³² MT, p.199.

³³ MT, p.198.

mobilização total e do trabalho. E neste ponto cabe reproduzir quase integralmente a passagem mais importante do ensaio *A Mobilização Total* na qual Jünger anuncia o advento deste novo tempo:

[...] a imagem da guerra como um negócio armado, cada vez mais, deságua na imagem amplificada de um gigantesco processo de trabalho. Ao lado dos exércitos que se entrecrocavam nos campos de batalha, surgem os novos tipos de exército: o do trânsito, o da alimentação, o da indústria armamentista – o exército do trabalho em geral. Na última fase, que já se insinuava por volta do fim desta última guerra, não ocorreu mais nenhum movimento – mesmo o de uma dona-de-casa junto à sua máquina de costura – no qual não residisse ao menos uma função mediamente bélica. Nessa captação absoluta da energia potencial, que transformou os estados industriais beligerantes em vulcânicas oficinas siderúrgicas, anuncia-se, talvez do modo mais evidente, o despontar da era do trabalho [...]. Para desdobrar energias de tal grandeza, não basta mais armar o braço que carrega a espada, é preciso uma armação até a medula, até o mais fino nervo da vida. Realizá-la é a tarefa da mobilização total, de uma ação através da qual a rede elétrica da vida moderna, amplamente ramificada e cheia de dutos, é canalizada, por meio de uma única chave na caixa de luz, para a corrente da energia bélica.³⁴

É nesse sentido, portanto, que Jünger afirma revelar-se na primeira grande guerra do século passado o irromper de uma nova era histórica, de uma nova torrente ainda indomada de forças elementares que se apodera do mundo. Esta guerra é a expressão destas forças que irrompem, as quais os valores, as instituições, os contratos e acordos da civilização burguesa não podem conter.

Apesar de sua magnitude, neste conflito catastrófico manifestou-se apenas o início do processo da mobilização técnica e da era do trabalho. As últimas possibilidades de mobilização estavam ainda muito distantes de serem concluídas. O declínio da velha ordem e a concomitante configuração da nova realidade e afirmação de uma nova humanidade perpassaria ainda por muitas etapas e processos, muitas forças ainda seriam desdobradas e afirmadas pelo novo homem que despontava.

A mobilização técnica que se inicia e da qual a primeira grande guerra é apenas uma de suas manifestações, a primeira manifestação mais contundente, se realizaria através de um processo de aperfeiçoamento contínuo que se transcorreria ao longo do século que se iniciava. Novos “métodos de armação”³⁵ seriam configurados e passariam a submeter os povos de um modo que não se distinguiria muito do de um regime

³⁴ MT, p.195.

³⁵ MT, p.197.

absoluto. Conforme constatado por Jünger, ao mesmo tempo que cresciam as massas se acentuavam características humanas padronizadas e comportamentos típicos, e a humanidade passava a praticar cada vez mais um “fetichismo da máquina”³⁶, “um culto ingênuo da técnica”³⁷. A coação e disciplina do processo de mobilização atuavam, portanto, tão fortemente que o homem até mesmo as saudava com júbilo. Nesse sentido, desencadeava-se um ataque à liberdade individual, e a vida de cada ser humano transformava-se cada vez mais na vida de um *trabalhador*. Tal como expressa Jünger:

[...] basta observar essa nossa vida em seu pleno desencadeamento e em sua disciplina impiedosa, [...] com a física e a metafísica de seu trânsito, com seus motores, aviões e cidades de milhões, para pressentir, com um sentimento misto de horror e prazer, que aqui não há átomo algum que não esteja trabalhando e que nós mesmos estamos dedicados, no nível mais profundo, a este processo furioso [...]. Assim, acontece que cada vida individual torna-se, de maneira cada vez mais clara, a vida de um trabalhador e que, às guerras dos nobres, dos reis, e dos cidadãos, seguem-se as guerras dos *trabalhadores* – guerras de cuja estrutura racional e de cuja impiedade o primeiro grande conflito do século XX já nos deu uma noção.³⁸

Em sua obra *O Trabalhador - Domínio e Figura*, de 1932, Jünger apresenta uma análise e descrição minuciosa do desdobramento desse processo de mobilização técnica planetária e de transformação do homem singular no novo tipo humano³⁹, isto é, no *trabalhador*. Este novo homem é o elemento central da obra visto que é ele o agente desse processo de mobilização, o representante de “uma grandeza⁴⁰ atuante que já entrou na história poderosamente e que determina imperativamente as formas de um mundo modificado”⁴¹.

Sobre esta obra, no prefácio à edição das suas obras completas, escrito em 1963, Jünger declarou:

A obra sobre o trabalhador apareceu no Outono de 1932, num tempo em que já não subsistia qualquer dúvida quanto à insustentabilidade do antigo e à adveniência de novas forças. Ela apresentou e apresenta a tentativa de conquistar um ponto a partir do qual os acontecimentos,

³⁶ MT, p.213.

³⁷ MT, p.213.

³⁸ MT, p.198.

³⁹ Cabe mencionar aqui que Nietzsche também anunciou o advento de uma nova humanidade, do *Übermensch*. Assim como também encontramos em Nietzsche a possibilidade de um nihilismo ativo.

⁴⁰ Mais precisamente isto significa, na obra de Jünger, a *figura do trabalhador*. (Ver nota 51).

⁴¹ OT, p.45.

na sua multiplicidade e oposição, não apenas se devam conceber, mas também, embora perigosamente, se devam saudar.⁴²

É este o espírito que perpassa as páginas de *O Trabalhador*. Um espírito de otimismo em relação ao declínio da velha ordem e em relação às mudanças que ocorriam na época, ao novo sentimento vital que irrompia e que trazia a possibilidade de um novo tempo, a configuração de uma nova realidade e de uma nova humanidade. Um espírito que abraça o niilismo, que o saúda, que entrevê nele a possibilidade de um florescimento mesmo que ele signifique, num primeiro momento, perigo, dor, destruição, barbárie.

Esta destruição consiste na destruição dos valores iluministas, dos valores da civilização burguesa. É próprio do novo tempo, tal como afirma o autor, “que nele a sociedade burguesa esteja condenada à morte. O primeiro passo consiste em já não se pensar e sentir em suas formas, o segundo em já não se estar nelas ativo”⁴³. E o *trabalhador* de Jünger é o homem que já não sente, pensa e age segundo os imperativos dos valores modernos, o homem em cujos movimentos não mais se expressa a consciência burguesa e sim uma consciência que lhe é própria. É o homem que é capaz de uma liberdade absolutamente diferente da do burguês, o homem que com um espírito aventureiro e heroico abraça ativamente o niilismo e que o levará à completude em prol da construção de um novo mundo, o seu mundo. É o homem que fará progredir a destruição e a barbárie ao passo que vai configurando a nova ordem, o domínio do *trabalhador*.

É importante destacar, de início, que o *trabalhador* de Jünger não se refere exclusivamente a uma classe social, econômica, política. O *trabalhador* de Jünger não é o proletário da era burguesa, uma nova classe que luta contra o domínio de uma outra classe e almeja usufruir dos direitos e da liberdade burguesa. Conceber o trabalhador desta maneira é concebê-lo a partir dos valores e critérios iluministas. O *trabalhador* de Jünger consiste num novo tipo humano que entra na história, numa nova humanidade à qual está destinada a cunhagem da nova realidade, do *domínio*. Como afirma Edmundo Cordeiro,

Jünger quer aperceber-se de uma nova realidade. Essa realidade é a que se desenha com a aparição do trabalhador [...]. A nova realidade não encontra a sua aclaração nas concepções que, justamente, provém

⁴² OT, p.43.

⁴³ OT, p.57.

de uma velha realidade - a da era burguesa, [...] do pensamento burguês, o qual se caracteriza por três modos principais: o materialismo, o idealismo e o liberalismo econômico [...]. No materialismo podem-se incluir alguns desenvolvimentos do marxismo, os quais atribuem ao trabalhador o significado de uma nova classe. No idealismo assentariam as teorias sociológicas que visam incluir e envolver o trabalhador na dinâmica da sociedade. No liberalismo econômico, modo que, claro, mais corresponde àquilo a que Jünger chama a *ditadura do pensamento econômico em si*, o trabalhador é um fenômeno econômico, cuja liberdade individual ou de “classe” se funda numa reivindicação econômica [...]. Para Jünger, o trabalhador não pertence a uma nova classe [...] e não é uma mera consequência econômica.⁴⁴

Jünger, desse modo, situa o *trabalhador* num plano diferente, tal como ele diz, “num plano mais elevado e abrangente”⁴⁵. Para o seu *trabalhador* o autor reivindica a totalidade, visto que ele se constitui a partir de uma nova relação com o elementar, atuando conforme as determinações das potências elementares, afirmando essas potências. Ele “está numa relação com potências elementares de cuja presença o burguês nem suspeita”⁴⁶, “daí que disponha de reservas mais poderosas do que o burguês, que conhece a segurança como um valor supremo e se serve da razão abstrata para assegurar essa segurança”⁴⁷.

A relação que o burguês sustenta com a dimensão elementar da existência não possui um caráter afirmativo, ao contrário, resulta de uma negação dessa dimensão, de uma contestação da natureza, de uma necessidade de extirpar o perigo, de um desejo de alcançar uma vida tranquila, pacificada, uma vida, portanto, ao ver de Jünger, despojada de virilidade, de luta, da violência que constitui a vida na sua mais íntima essência⁴⁸.

O *trabalhador* de Jünger não corresponde ao trabalhador da era burguesa. Logo, também, a concepção de trabalho do autor não se refere à concepção burguesa de trabalho. O trabalho para Jünger não se restringe a uma mera atividade econômica, a uma profissão, a uma atividade operacional, mas consiste num novo princípio de dominação do mundo, num novo modo pelo qual a vida aparece. E, tal como ele aponta,

⁴⁴ CORDEIRO, Edmundo. *A figura do trabalhador: ensaio sobre a técnica segundo Ernst Jünger*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, 1994, p.29-30.

⁴⁵ OT, p.267.

⁴⁶ OT, p.54.

⁴⁷ OT, p.268.

⁴⁸ Podemos afirmar que, neste ponto, evidencia-se a relação que há entre Jünger e Nietzsche (o Nietzsche das considerações sobre o trágico e também o da filosofia da *vontade de poder* e do *eterno retorno do mesmo*).

para poder conceber isso, tem de ser capaz de uma outra concepção do trabalho diferente da até agora. Tem de se saber que, numa era do trabalhador, [...] nada pode haver que não seja concebido como trabalho. O trabalho é o ritmo do punho, dos pensamentos, do coração, a vida de dia e de noite, a ciência, o amor, a arte, a fé, o culto, a guerra; o trabalho é a oscilação do átomo e a força que move as estrelas e os sistemas solares. [...] O questionamento de ontem era: como ganha o trabalhador participação na economia, na riqueza, na arte, na formação, na grande cidade, na ciência? Mas amanhã será: como têm de parecer todas estas coisas no espaço de poder do trabalhador, e que significado lhes será atribuído?⁴⁹

O trabalho para Jünger consiste, desse modo, num novo modo de vida, uma vida que, por sua vez, não pode mais ser medida com as velhas categorias e que está em vias de efetivar-se. O trabalho consiste na ação de modificar a realidade, cunhar um novo mundo, e esta cunhagem se dá enquanto expressão de forças que buscam se manifestar no mundo, em sua totalidade, impondo-lhe uma nova legalidade. Sendo assim,

[...] o trabalho não é nenhuma atividade técnica. É incontestável que é precisamente esta nossa técnica que transmite os meios decisivos [para a configuração da nova realidade, do domínio do trabalhador]; contudo não são eles que mudam o rosto do mundo, mas a vontade peculiar⁵⁰ que está atrás deles e sem a qual eles não são mais do que brinquedos. [...] O trabalho não é então uma atividade pura e simples, mas a expressão de um ser particular⁵¹ que procura realizar o seu

⁴⁹ OT, p.90.

⁵⁰ Neste trecho evidencia-se mais uma vez a relação que há entre as considerações de Jünger e a filosofia da *vontade de poder* de Nietzsche. Como já mencionado em notas anteriores, há no pensamento jüngeriano relações estreitas com o pensamento nietzschiano, e no contexto deste artigo cabe destacar a relação entre a concepção de niilismo ativo de Jünger com a de niilismo ativo de Nietzsche, o que nos leva à relação de Jünger com a filosofia da *vontade de poder* e à ideia de uma nova humanidade de Nietzsche. Para Nietzsche a *vontade de poder* é força que se impõe na configuração de toda a realidade, nesse sentido, é também força que se manifesta na configuração de novas possibilidades de realidade humana, é força que exige ser afirmada na dimensão da cultura e que configura destinos para a humanidade. Nietzsche vislumbrou nos finais do século XIX a possibilidade de um novo homem, o *Übermensch*, o advento de uma nova humanidade capaz de mais atividade afirmativa dessa força, desse impulso vital, na configuração de uma nova cultura, uma cultura superior, mais potente, mais afirmadora da vida, das potências criativas humanas. A afirmação dessa nova humanidade e dessa nova cultura se faria a partir da destruição e superação da humanidade e cultura de até então, no caso, do que se estabeleceu na Europa e a partir dela ao longo da tradição ocidental, isto é, da tradição socrática-platônica-cristã e do racionalismo moderno. Niilismo ativo, destruição da velha cultura, dos velhos valores, da velha ordem, desaparecimento do indivíduo burguês e afirmação de uma nova humanidade e nova configuração de mundo, eis o que encontramos também em Jünger dos anos 1930 com o seu *trabalhador* e seu diagnóstico de *mobilização total*, seu prognóstico de mobilização técnica planetária: o *trabalhador* enquanto manifestação de uma *Gestalt*, a figura do trabalhador, um novo tipo humano que configura seu próprio domínio fundindo forças orgânicas e mecânicas, processo que Jünger denomina de *construção orgânica*.

⁵¹ Ao mencionar “um ser particular” Jünger refere-se àquilo que ele denomina de *figura*, mais precisamente, de *figura do trabalhador*. A obra *O Trabalhador - domínio e figura* é dedicada, em grande medida, à exposição da dimensão metafísica que subjaz a todo esse processo de mobilização técnica. No prefácio à primeira edição da obra, escrito em julho de 1932, o autor declara: “O plano deste livro consiste em tornar visível, além das teorias, além das facções políticas, além dos preconceitos, a figura do

espaço, o seu tempo, a sua legalidade. Daí que não conheça qualquer oposição fora de si mesmo [...]. O espaço do trabalho é ilimitado, tal como o dia de trabalho abrange vinte e quatro horas, [...] sob este ponto de vista, não há nenhum estado que não seja concebido como trabalho.⁵²

É desse modo, portanto, que o trabalho se apresenta como um novo modo de vida e como o princípio - segundo as determinações de “um ser particular”, de uma “vontade peculiar”, de “uma vontade cega”, da dimensão elementar da existência - para a configuração da nova era histórica, e o *trabalhador* se apresenta como o representante de uma nova humanidade.

Na perspectiva de Jünger, o mundo passa por uma mudança decisiva, a qual culminará numa ordem completamente independente das valorações da tradição. Esta mudança impõe ao homem uma nova consciência, uma nova atitude, uma capacidade de se despojar de sua individualidade e de se permitir ser mobilizado - o que Jünger denomina de *realismo heróico* -, o que lhe requererá “uma suprema disciplina do coração e dos nervos”⁵³ e uma nova relação com a liberdade. É neste sentido que, em *O Trabalhador*, Jünger ressalta a ideia de que nesta nova realidade a reivindicação da liberdade surge como reivindicação de trabalho.

O mundo da mobilização exige do *trabalhador* que ele tenha a capacidade de praticar uma liberdade completamente diferente da liberdade pretendida pelo cidadão burguês. Enquanto o indivíduo burguês busca continuamente alcançar a liberdade através de uma emancipação das determinações da natureza e, a partir do desenvolvimento técnico e do progresso, uma emancipação da necessidade do trabalho, e, ainda, concebe sua dignidade à medida que se autodetermina, exerce sua autonomia e afirma a sua individualidade, o *trabalhador* jüngeriano já não reivindica essa diferenciação ao exercer a liberdade. Para ele, a liberdade significará serviço, adequação à mobilização, submissão ao estado de trabalho. Sua singularidade e dignidade se

trabalhador como uma grandeza atuante, que já entrou na história poderosamente e determina imperativamente as formas de um mundo modificado. Na medida em que aqui se trata menos de novos pensamentos ou de um novo sistema do que de uma nova realidade, tudo recai na intensidade da descrição, que pressupõe olhos aos quais seja dada a visão completa e imparcial. [...] Se apenas se conseguiu tornar visível uma barbatana do Leviatã, tanto mais facilmente avança o leitor para descobertas próprias, quando é atribuído à figura do trabalhador não um elemento de pobreza, mas um elemento de plenitude” (OT, p.45). E ainda: “Enquanto, no nível mais baixo da hierarquia, a figura do trabalhador toma o singular e o subordina como uma vontade cega, como uma função planetária, ela coloca-o, num segundo nível, como portador do caráter especializado do trabalho, numa multiplicidade de construções planificadas. No entanto, no terceiro e supremo nível, aparece o singular, na medida em que está imediatamente em relação ao caráter total do trabalho” (OT, p.154).

⁵² OT, p.108.

⁵³ OT, p.123.

constituirão à medida que ele afirma a “vontade peculiar” que está por trás de todo o processo de mobilização, à medida que se coloca enquanto parte de uma vida unitária, enquanto parte da *construção orgânica*, isto é, da dinâmica na qual há “a união profunda entre a simultaneidade dos novos meios e de uma nova humanidade”⁵⁴, na qual se harmonizam *trabalhador* e meios técnicos - os quais, por sua vez, são em larga medida cada vez mais sincrônicos e uniformes - em prol da mobilização dos recursos do planeta rumo à efetivação do *domínio*, do estado total de trabalho.

A prática da liberdade nessa dinâmica requer então que o homem se despoje de sua individualidade, o que exige então um ataque à existência do indivíduo. Esse ataque se torna evidente no modo como o novo homem se constitui interiormente e exteriormente e age na nova paisagem tecnicizada. De indivíduo o homem se transforma cada vez mais em um *tipo*, as características individuais retrocedem em favor da adequação do singular à totalidade em mobilização. A configuração do mundo do trabalho exige uniformização, padrões típicos aos quais o domínio do trabalhador proporcionará validade. Esta é uma mudança que ganha cada vez mais, como diz Jünger, inequivocidade, ao passo que aumenta os contextos objetivos aos quais o tipo vai se ajustando. Enquanto essa mudança se desdobra ocorre a dissolução do indivíduo, a qual vai se tornando cada vez mais explícita em todas as esferas da vida.

As características individuais retrocedem ao passo que a *construção orgânica* vai alcançando precisão, ao passo que a mudança vai ganhando em inequivocidade. Esta inequivocidade expressa-se, por exemplo, nas características exteriores do novo homem: sua fisionomia, corpo, vestuário, atitude e gestualidade vão se tornando cada vez mais típicos. Conforme aponta Jünger,

Modificou-se o rosto que olha o observador sob o elmo de aço ou o capacete de proteção. Como se pode observar numa reunião ou numa fotografia de grupo, na escala das suas apresentações, perdeu em variedade e, com isso, em individualidade, enquanto ganhou em intensidade e determinação da cunhagem singular. Tornou-se metálico, como que galvanizado na sua superfície, a ossatura mostra-se claramente, os traços são poucos e intensos. O olhar é calmo e fixo, treinado na consideração de objetos que se têm que captar em estados de alta velocidade. Este é o rosto de uma raça que se começa a desenvolver sob as peculiares exigências de uma nova paisagem e que o singular não representa como pessoa ou como o indivíduo, mas como tipo.⁵⁵

⁵⁴ OT, p.137.

⁵⁵ OT, p.124.

É característico do *tipo* uma rigidez do rosto, uma fisionomia que apresenta um caráter de máscara, que desperta, quanto aos homens, uma impressão metálica e, quanto às mulheres, uma impressão cosmética⁵⁶. Além disso, acrescenta o autor, não é por acaso a constante presença da máscara na vida cotidiana.

Ela aparece de modos variados em locais onde irrompe o caráter especializado do trabalho, seja como máscara de gás, com a qual se procura equipar populações inteiras, seja como máscara de rosto para o desporto e para altas velocidades, tal como a possui qualquer automobilista, seja como máscara de proteção no trabalho num espaço ameaçado por radiações, explosões ou difusão de narcóticos. [...] Este caráter de máscara não se pode apenas estudar na fisionomia do singular, mas em todo o seu perfil. Assim, pode-se observar que é dedicada grande atenção ao exercício do corpo, um exercício completamente determinado, o *training*. Nos últimos anos multiplicaram-se as ocasiões através das quais o olhar se habitua à visão de corpos mais nus, cultivados de um modo muito uniforme.⁵⁷

Além da mudança quanto à fisionomia e ao corpo, Jünger constata que ocorre também uma mudança quanto à vestimenta. Segundo o autor, ocorre uma decadência do vestuário burguês, o qual é substituído por um uniforme, “uma farda típica de trabalho”⁵⁸, que apresenta matizes monótonos e não cores variadas, o que acentua ainda mais a impressão de máscara que a visão do tipo desperta.

Além desses aspectos em relação às características exteriores do novo homem, Jünger ressalta um outro fator que evidencia a substituição do indivíduo pelo *tipo*, o quanto a realidade vai ganhando em precisão e a vida do singular vai ganhando em inequivocidade, qual seja, a relação cada vez mais constante do homem com o número, com a cifra. Conforme afirma o autor, a vida vai ganhando em matemática, “daí que já não continue a ser espantoso que o número, e mesmo a cifra precisa, comece a desempenhar um papel crescente na vida”⁵⁹. Por exemplo, os nomes das pessoas são substituídos pelas cifras. As populações e eventos são cada vez mais enquadrados nas classificações estatísticas, as populações são quantificadas e categorizadas, e são cada vez mais frequentes na divulgação de acidentes, do tráfego urbano ou aéreo, a presença somente da quantidade de vítimas, não mais de seus nomes.

⁵⁶ OT, p.131.

⁵⁷ OT, p.131.

⁵⁸ OT, p.133. Jünger diz: “Já se pode falar aí de uma farda típica de trabalho, de uma farda que possui o caráter de um uniforme na medida em que o caráter do trabalho e o caráter do combate são idênticos”.

⁵⁹ OT, p.147.

Além desses exemplos é de sublinhar também o quanto os novos meios técnicos e a ação do *tipo* são avaliados e valorizados segundo seus desempenhos por meio do recorde, o qual se vale também da cifra. O recorde, tal como aponta o autor, “é o símbolo de uma vontade de um ininterrupto registro de energia potencial. O desejo de ser constantemente informado sobre as mais extremas fronteiras das capacidades de desempenho”⁶⁰. Há também que se considerar o fato de a nova descoberta do mundo acontecer através de voos audaciosos, os quais aparecem num momento como recorde e depois se tornam um hábito diário. Jünger também observa que neste novo contexto o morrer se torna algo mais simples. Por exemplo, diz ele, “as incontáveis vítimas que a viagem aérea exige não são capazes de influenciar o processo no mínimo que seja. Certamente que o mesmo se pode afirmar também da viagem marítima: *navigare necesse est*”⁶¹.

Quanto ainda à relação que a nova realidade e o novo homem vão estreitando com o número há um outro aspecto que o autor destaca: o fato de a representação do infinito começar a alterar-se. Conforme Jünger expõe, “vem à luz uma tendência que procura captar de acordo com uma cifra tanto o infinitamente pequeno como o infinitamente grande, o átomo e o cosmos, o “céu estrelado sobre mim”.⁶² Ou seja, o infinitamente grande e o infinitamente pequeno perdem o seu caráter de indeterminação, tudo neste novo mundo é calculado, é mobilizado.

Todos estes são sinais que demonstram o quanto o indivíduo vai sendo dissolvido e o quanto o novo homem e a nova realidade vão ganhando em intensidade e determinação.

Algumas considerações sobre as mudanças ocorridas na arte, realizadas por Jünger em alguns momentos de *O Trabalhador*, também são de extrema relevância para explicitar esse processo de dissolução do indivíduo. Conforme aponta Jünger, “o olhar frio e desapaixonado do olho artificial começa a incidir sobre homens e coisas, e há uma relação muito elucidativa entre aquilo que o olho do pintor consegue reter e aquilo que o consegue a lente fotográfica”⁶³, tanto no trabalho do pintor quanto no do fotógrafo ficam explícitos o declínio, o sofrimento e a morte do indivíduo e da ordem burguesa. Na pintura, por exemplo, verifica-se “um progressivo ataque à determinação do

⁶⁰ OT, p.149.

⁶¹ OT, p.150.

⁶² OT, p.147.

⁶³ OT, p.136.

contorno”⁶⁴ do que é representado⁶⁵, como também uma constante representação de paisagens, interiores e homens que expressam uma atmosfera de declínio, insegurança, desajuste, decomposição. Tal como expressa o autor,

Na concepção de homem e de grupos humanos, tal como se pode estudar na pintura dos últimos cem anos, trai-se um progressivo ataque à determinação do contorno. A relação dos homens uns com os outros, tal como a escola romântica nos colocou diante dos olhos em partes de ruas, praças, parques ou espaços fechados, está ainda animada por uma harmonia tardia, por uma segurança fugaz [...]. Só a partir desta atmosfera são concebíveis aqueles escândalos que se podiam ligar ao emergir dos primeiros retratos impressionistas nos salões e que são para nós hoje completamente incompreensíveis. Encontramos aqui o homem, seja singularmente ou em grupos, numa atitude estranhamente relaxada e descontextualizada [...] Assim, os jardins no brilho dos lampiões, os *boulevards* na luz artificial, no crepúsculo ou no brilho reluzente do sol são amados como motivos. [...] Este processo de decomposição intensifica-se de década em década até atingir [...] as fronteiras do nihilismo; corre em paralelo com a morte do indivíduo e a eliminação da massa como meio político. Quase já não se pode falar aqui de escolas artísticas, mas antes de uma série de estações clínicas através das quais é registrada e mantida qualquer convulsão que um organismo em declínio traz à luz.⁶⁶

Ao passar da pintura para a fotografia Jünger afirma que neste domínio evidencia-se de modo ainda mais claro “a queda da fisionomia individual e social”⁶⁷, a rendição do indivíduo pelo *tipo*. Como ele coloca, “os primeiros retratos fotográficos são muito superiores aos hodiernos quanto ao caráter individual”⁶⁸.

O sentido da fotografia muda-se para o tipo, e, deste modo, também se muda aquilo que se compreende por um “bom rosto” [...]. O raio de luz procura qualidades diferentes, nomeadamente intensidade, determinação e caráter objetivo. Pode-se indicar os indícios nos quais a arte se procura orientar nesta lei óptica, e se procura equipar a partir daqui com meios de um novo tipo.⁶⁹

⁶⁴ OT, p.135.

⁶⁵ Poderíamos também dizer: uma progressiva dissolução da figuração. Jünger cita a Escola romântica e o Impressionismo, mas poderíamos ir um pouco mais adiante e também tratar dos movimentos da arte após o Impressionismo, isto é, as vanguardas artísticas da primeira metade do século XX, contemporâneas, inclusive, à obra *O Trabalhador*. Cabe bem ressaltar que este processo de mudanças ocorridas na arte acarretou, de fato, “um ataque à determinação do contorno”, o qual culminou numa dissolução da figuração mimética e numa ruptura total com a arte de até então. É o que se verifica em todos os movimentos da arte do início do século XX: Futurismo, Fauvismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, as diversas tendências do Abstracionismo e o conceitualismo. Um processo contínuo de rupturas e criação de uma nova arte que se estendeu por todo o século XX e se prolonga até a atualidade.

⁶⁶ OT, p.135-136.

⁶⁷ OT, p.136.

⁶⁸ OT, p.136.

⁶⁹ OT, p.136-137.

[...] a vida começa a mostrar partes que são particularmente apropriadas para a lente, e isso de um modo completamente diferente do que para o lápis de desenho. Isso vale sobretudo onde a vida entra na construção orgânica e, assim, também para o tipo, que aparece com e nestas construções.⁷⁰

Neste sentido, ressalta Jünger, o modo como vai se tornando tênue a fronteira entre a arte e a técnica, entre o trabalho manual e o mecânico, e o modo como a unidade da nova realidade, a qual requer a fusão do novo homem com os novos meios, vai se afirmando.

Esta atenuação dos limites entre arte e técnica também se evidencia “no declínio do espetáculo clássico”⁷¹, cujas últimas fases o autor afirmou presenciar. Segundo ele, no âmbito teatral evidencia-se também a decadência do indivíduo e a assunção do *tipo*. Se na peça clássica o ator representava o indivíduo e - tal como denominado por Jünger - a “vivência única”, no novo espetáculo, o cinema, o ator representará a vivência típica, a vivência do novo homem que domina as regras fundamentais de um espaço muito preciso e que requer uma gestualidade particular, “uma grande inequivocidade de mímica e gestualidade”⁷². Acrescenta-se a isso o fato de até mesmo, por exemplo, a voz do ator ser substituída pela voz artificial e a transmissão do espetáculo ser realizada de modo mecânico. Tal como observa Jünger,

O cinema não conhece representações únicas e, em sentido autêntico, também não conhece nenhuma estreia; um filme passa ao mesmo tempo em todos os quarteirões da cidade e deixa-se repetir sem problemas, com uma precisão matemática que se estende aos segundos e aos milímetros. O público não é nenhum público particular, nenhuma comunidade estética [...]. É também de notar que a influência da crítica diminui; é substituída pelo anúncio, ou seja, pela publicidade. Do ator é exigida, como se disse, não a representação do indivíduo, mas do tipo. Tal pressupõe uma grande inequivocidade [...] que só ganhou intensidade há pouco, com a introdução da voz artificial, e que ainda aumentará através de outros meios.⁷³

Estas mudanças que ocorrem na arte expressam o mundo novo que surge e que se configura às custas do indivíduo, da velha ordem, das velhas articulações. O modo como o indivíduo e a velha ordem morrem possui muitos matizes e evidencia-se

⁷⁰ OT, p.136.

⁷¹ OT, p.137.

⁷² OT, p.141.

⁷³ OT, p.141.

também nos “tons variados em que a linguagem do poeta⁷⁴ e o pincel do pintor esgota as últimas possibilidades à beira da ausência de sentido”⁷⁵, à beira do niilismo. O declínio da arte não significa outra coisa senão que um modo envelhecido de refletir o mundo “perdeu a sua dignidade”⁷⁶, bem como que o mundo de até então refletido por esta arte também está em declínio. Significa “a última volatilização da alma antiga”⁷⁷, o surgimento de um novo homem, o qual começa a enrijecer a sua fisionomia e se articular conforme os imperativos de uma nova ordem e paisagem. Já não há mais como furtar-se desse movimento, “o combate, no essencial, já há muito está decidido”⁷⁸, é tempo de uma nova humanidade e de um novo mundo.

Este novo mundo já bem se anunciava aos olhos de Jünger nos tempos de *O Trabalhador*, já bem se mostrava através das mudanças que ocorriam na paisagem. Através da técnica o novo homem configurava a nova paisagem, a sua paisagem, e fazia desaparecer o domínio do velho mundo. Ao passo que ele mobilizava o mundo através da técnica o velho mundo era destruído, a paisagem sofria profundas alterações e o domínio do *trabalhador* ganhava em aparência e totalidade.

Na técnica Jünger reconhecia “o meio mais eficaz, mais inelutável da revolução total”⁷⁹. O estado destrutivo e anárquico ocasionado por ela consistia apenas no estágio em que as velhas potências eram submetidas, na primeira etapa da configuração da nova ordem. Como afirma o autor,

Por muito movimentada, explosiva e alterável que, no seu caráter empírico, a técnica se possa apresentar, ela conduz, no entanto, para ordens completamente determinadas, inequívocas e necessárias, as quais estão desde o início nela germinalmente incluídas, enquanto tarefa, enquanto objetivo.⁸⁰

A técnica, embora destrutiva num primeiro momento, conduz o mundo a uma ordenação visto que o novo homem a utiliza segundo as determinações de potências

⁷⁴ Jünger faz também considerações sobre a Literatura. Vale a pena reproduzir aqui ao menos uma passagem dessas considerações: “Podem-se reunir bibliotecas inteiras que ressoa, em milhares de variações, o lamento do homem que se vê repentinamente atacado a partir de zonas invisíveis e se vê despojado, em cada perspectiva, do seu sentido e dos seus bens. Este é o grande, o único tema da literatura do declínio dos nossos dias, mas já mais nenhum tempo está na disposição de se ocupar com isso”. (OT, p.151).

⁷⁵ OT, p.121.

⁷⁶ OT, p.149.

⁷⁷ OT, p.143.

⁷⁸ OT, p.164.

⁷⁹ OT, p.165.

⁸⁰ OT, p.166.

elementares, de uma “vontade peculiar” que quer se afirmar, se impor no mundo, conquistá-lo, configurá-lo⁸¹. Há, portanto, um fim a se chegar, e é neste ponto que a concepção de técnica de Jünger destoa da concepção burguesa que vê a técnica como um meio para o progresso ilimitado e meio de emancipação contínua do homem em relação à natureza.

Para Jünger, o desenvolvimento da técnica não é ilimitado mas conclui-se no momento em que, enquanto instrumento, encerra as exigências às quais está submetida. Como afirma o autor, “o modo do desenvolvimento é antes determinado pelo ser”⁸² e “nenhum desenvolvimento está apto a retirar do ser mais do que nele está contido”⁸³. Nesse sentido, a dimensão técnica da mobilização total não se constitui de possibilidades ilimitadas, tal como acreditado pelo burguês, mas “vai ao encontro de uma destinada maturidade”⁸⁴. É neste sentido, pois, ao ver de Jünger, que a primeira fase da mobilização total, a fase da destruição, será suplantada por uma fase na qual se expressará uma “ordem real e visível”⁸⁵, uma planificação que substituirá o estado de anarquia da paisagem que se configura.

Há, portanto, um limite, um ponto a ser alcançado pela mobilização total. Este ponto-limite é a paisagem planificada do *domínio* do *trabalhador*. Até se chegar lá, no entanto, é ainda preciso muito trabalho de mobilização, é preciso que o *trabalhador* ultrapasse etapas até a conclusão de seu *domínio*.

Este é o movimento que justifica, segundo Jünger, todo o cenário de decadência da paisagem antiga, todo o cenário dinâmico-explosivo da paisagem do início do novo século, tal como definida pelo autor, uma “paisagem de passagem”, uma “paisagem de oficina”, na qual não há

qualquer solidez das formas; todas as formas são ininterruptamente modeladas por uma inquietude dinâmica. Não há qualquer permanência dos meios; nada é permanente senão o aumento do desempenho, que lança hoje para o ferro velho o instrumento ainda ontem inexcedível. Daí também que não haja nenhuma permanência da arquitetura, da condução da vida, da economia [...].⁸⁶

⁸¹ Vemos aqui, mais uma vez, a relação existente entre Jünger e a filosofia da *vontade de poder* de Nietzsche.

⁸² OT, p.167.

⁸³ OT, p.167.

⁸⁴ OT, p.167-168.

⁸⁵ OT, p.166.

⁸⁶ OT, p.168.

Este é o movimento de início da configuração do novo mundo, um movimento que começa a acelerar seu passo e conquistar simplicidade e inequivocidade rumo a um, ainda longínquo, estado de perfeição. Este é o estado de fluidez, inquietude e efemeridade, no qual não há forma, uma forma em sua perfeição. Um estado no qual “nada é criado sob a perspectiva de uma substância duradoura, tal como podemos apreciar nos edifícios dos antigos, ou também no sentido em que a arte procura gerar uma linguagem de formas válida”⁸⁷, aqui tudo é impermanente, ainda em vias de configuração.

A paisagem torna-se mais construtiva e mais perigosa, mais fria e mais brilhante; desaparecem dela os últimos restos da comodidade. Há já partes que se podem atravessar como áreas vulcânicas ou mortas paisagens lunares [...]. Evita-se as intenções secundárias, como as do gosto; eleva-se os questionamentos técnicos ao plano decisivo, e faz-se bem, pois atrás destes questionamentos esconde-se mais do que algo técnico.⁸⁸

É este, portanto, o cenário no qual se encontra o indivíduo neste novo tempo, o cenário das cidades,

com seus fios metálicos e os seus fumos, com o seu ruído e o seu pó, com a sua barafunda de formigueiro, com a sua confusão de arquiteturas e de inovações, que lhes dão a cada dez anos um novo rosto, são gigantes oficinas de formas – mas elas mesmas não possuem nenhuma forma. Falta-lhes estilo, se não se quiser assinalar a anarquia como um tipo particular de estilo.⁸⁹

Este é o cenário de destruição, transformação e anarquia que faz sofrer o indivíduo que ainda se articula conforme às velhas articulações e que não consegue vislumbrar que por trás de todo esse processo há algo mais do que técnico, que há forças que atuam para a configuração de uma nova realidade. A desarrumação deste cenário, “a destruição da paisagem natural e cultural”⁹⁰, fere os olhos do indivíduo ainda preso aos velhos valores, aos velhos estilos, o indivíduo que não possui uma relação apropriada com a técnica e não consegue apreender que este cenário de devastação corresponde apenas ao estado incompleto da técnica. Este é, para Jünger, o indivíduo

⁸⁷ OT, p.168.

⁸⁸ OT, p.169.

⁸⁹ OT, p.168.

⁹⁰ OT, p.168.

que enfrenta passivamente o nihilismo, ao qual só resta sofrer e também ser aniquilado ao passo que avança a mobilização total rumo a sua perfeição.

Este processo de mobilização “possui propriedades devoradoras, que queima homens e meios - e isso não mudará enquanto o processo estiver em curso”⁹¹. É preciso espírito e atitude heroica para enxergar neste processo mais que um processo de devastação, para saudá-lo, ir ao encontro dele, permitir-se ser mobilizado, trabalhar para a sua progressão e conclusão. É preciso harmonia do *trabalhador* com a mutabilidade dos meios visto que é somente dessa harmonia - *construção orgânica* - que resultará a superação dos estados anárquicos por uma nova ordem, a rendição do espaço dinâmico e revolucionário por um espaço estático e ordenado.

Se esta tarefa estiver resolvida, também a mutabilidade será rendida pela constância de meios, isto é, os meios revolucionários tornam-se legítimos. [...] a primeira parte desta mobilização é necessariamente de natureza destrutiva. Depois da conclusão deste processo [...] será então novamente possível construir num estilo monumental [...]. Vivemos num dos estranhos espaços de tempo em que já não há e ainda não há domínio. No entanto, pode-se dizer que o ponto zero já foi ultrapassado. Tal mostra-se em nós termos entrado na segunda parte do processo técnico, no qual a técnica se põe à disposição de planos maiores e mais ousados. É certo que ainda estamos afastados da entrada na última e decisiva fase. O importante é, no entanto, que o plano não se apresente na consciência humana como a forma decisiva, mas como um meio para o fim. Nele expressa-se um processo que é proporcionado ao caráter de oficina de nosso tempo. Correlativamente, a linguagem arrogante do progresso é rendida por uma nova modéstia – pela modéstia de uma geração que renunciou à miragem de estar na posse de valores inatacáveis.⁹²

É esta modéstia, portanto, que é exigida do novo homem para que ele leve até o fim o trabalho de mobilização e de ordenação do novo mundo. A ele cabe desempenhar um autêntico combate em relação às velhas valorações e elevar-se acima de todo esse processo de destruição e esvaziamento no sentido de vislumbrar o que há de grandioso sendo engendrado. Dele se espera a afirmação de novas potências e a criação de um novo mundo. Este é o *trabalhador* de Jünger, o novo homem que enfrenta ativamente o nihilismo e entrevê nele a possibilidade de uma nova vida.

Tal como colocado por Jünger, o processo de empobrecimento da velha ordem é incontestável. “Ele repousa no fato fundamental de a vida se consumir a si mesma, tal

⁹¹ OT, p.178.

⁹² OT, p.181.

como acontece dentro da crisálida em que a *imago* consome a lagarta”⁹³. E mais, “trata-se de conquistar um ponto de observação a partir do qual os locais de perda possam ser vistos como a massa rochosa que se perdeu durante a formação de uma estátua de pedra”⁹⁴.

É com esse espírito, portanto, que Ernst Jünger no início do século XX saúda o esvaziamento da ordem europeia de até então. É com esse espírito que o autor abraça o niilismo e vê na sua consumação a possibilidade de uma nova humanidade e uma nova ordem mundial.

Considerações finais

Como exposto, Jünger celebrou o advento da ordem técnica considerando-a a saída de um estágio decadente da história ocidental no qual o ser humano encontrava-se enfraquecido ao estar submetido à cultura moderna burguesa. Nesse contexto, uma nova humanidade, “um poder emergente no qual repousa o destino da terra”⁹⁵, “aparece como o portador da substância heroica fundamental que determina uma nova vida”⁹⁶ e transforma o mundo em algo “mais rico, mais profundo e mais frutífero”⁹⁷. Na nova realidade do século XX - século da expansão planetária de um processo técnico - o indivíduo está condenado ao aniquilamento e é substituído pelo *tipo*, o novo homem que é capaz de uma liberdade totalmente diferente da liberdade burguesa. Essa destruição da velha ordem, dos velhos valores, o engendramento de uma nova ordem mundial e técnica e o advento de uma nova humanidade perfazem assim a concepção de niilismo ativo que encontramos em escritos de Jünger dos anos 1930, a qual tentamos expor neste artigo.

Antes de encerrar, vale mencionar que transcorridos quase vinte anos após esses escritos, Jünger revê esta concepção de liberdade e afirma em seu ensaio *Sobre a linha*⁹⁸, a impossibilidade da redução da liberdade humana à participação, ao serviço, ao trabalho, e afirma essa irredutibilidade da liberdade como a via para a resistência ao niilismo, o qual avança em sua extensa e profunda devastação. Importante lembrar que

⁹³ OT, p.130.

⁹⁴ OT, p.131.

⁹⁵ OT, p.59.

⁹⁶ OT, p.75.

⁹⁷ OT, p.63.

⁹⁸ JÜNGER, Ernst. *Sobre a linha*. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Cadernos de Tradução USP, n.3, 1998.

aqui já são reflexões ocorridas após as catástrofes da Segunda Guerra Mundial. Diante de tanta devastação conseguiria o autor ainda permanecer com seu otimismo dos anos 1930 acerca da mobilização técnica e da destruição decorrente dessa mobilização?

Tal como nos escritos dos anos 30, no ensaio *Sobre a linha* o autor sustenta a ideia de que o nihilismo é uma fase de um processo mais vasto, uma fase destrutiva necessária que se completará em prol da consumação de algo novo. Todavia, esse algo novo já não mais consistirá no estado completo da técnica, no *domínio* do *trabalhador* vislumbrado e saudado anteriormente pelo autor. O mundo no qual impera a mobilização técnica também agora deverá ser superado para que assim o homem possa novamente reencontrar o ser, o absoluto, praticar a transcendência e estar de todo salvo, reflexão que extrapola a proposta do presente artigo e que vale ser exposta numa outra ocasião.

Referências

- CORDEIRO, E. *A figura do Trabalhador: ensaio sobre a técnica segundo Ernst Jünger*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, 1994.
- JÜNGER, E. *A mobilização total*. Tradução e notas Vicente Sampaio. São Paulo: Revista Natureza Humana, v.4, n.1, 2002.
- _____. *O trabalhador – domínio e figura*. Tradução e notas Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 2000.
- _____. *Sobre a linha*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Cadernos de Tradução USP, n.3, 1998.
- _____. *Sobre el dolor seguido de la Mobilización total y Fuego e movimiento*. Tradução do alemão Andrés Sánchez Pascual. Barcelona: Tusquets, 2003.
- _____. *Tempestades de aço*. Tradução e notas Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Recebido em: 15/05/2020

Aprovado em: 13/07/2020